

21 Os comentadores observam o lapso de Villon: não é no *Roman de la rose*, mas no *Testament* de Jean de Meung que se encontra o trecho glosado na estrofe.

22 O conto era muito divulgado, não sendo possível precisar a fonte de Villon. Os ladrões tinham os polegares e dedos presos com as *Poucettes*.

23 Observa-se geralmente que Villon cita de memória e atribui erroneamente a história relatada a Valério Máximo, historiador da época de Tibério. Italo Siciliano atribui o erro a uma confusão entre aquele historiador e Julius Valerius, do séc. IV, que traduziu para o latim uma coleta de anedotas sobre Alexandre, o Grande. Apontam-se como fontes o *Polyviticus*, de John of Salisbury, na tradução de Denis Foullechat, e o *Liber scaborum*, de Jacques de Cessoles, na tradução de Jean de Vignai, única em que consta o nome do pirata como Diomêdes.

24 Há quem veja, sob o nome de Alexandre, alusão a René d'Anjou, rei da Sicília e de Jerusalém. Villon teria roubado o Colégio de Navarra para apresentar-se decentemente àquela corte, cujo mecenato almejava.

25 No or., "Au fort, quelqu'un s'en recompence./ Qui est ramply sur les chanties". Supõe-se, no último verso, um anagrama de Ythier Marchant, rival do poeta, oculto em "Qui est RAMPLY sur les CHANTTERS".

26 Do provérbio corrente "Da pança nos vem a dança", que recorre bastante nos autores medievais (cf. Thiasne). Há uma evidente conotação erótica associada com o suposto rival Marchant.

27 Citação do *Eclesiastes*, XI, 9, seguida de outra citação do mesmo livro, XI, 10. Do "sábido", porque o livro foi atribuído primeiro a Salomão, sendo depois dado como obra dos sécs. III-II a. C., muito posterior.

28 Livro de Jó, VII, 6. O poeta precede nesta estrofe e nas seguintes as reflexões que desenvolverá sobre o tema do *ubi sumi*, que culminarão nas três conhecidas baladas, logo depois.

29 Cartuxos: ordem fundada por São Bruno na Grande Cartuxa em 1084. Celestinos: ordem do séc. XIII, introduzida na França por Filipe o Belo.

30 Os cartuxos e os celestinos usavam botas de cano alto como os pescadores de ostras; mas não ganhavam a vida duramente como esses.

31 Citação das palavras de Pôncio Pilatos, ao ser interpelado pelos judeus quanto à inscrição que mandou fazer na cruz: Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus: "Quod scripsi, scripsi".

32 Jacques Couet, rico financista a serviço de Carlos VII, foi condenado por malversação de fundos públicos. Carlos VII confiscou seus bens. Fugindo da prisão, o papa encarregou-o de uma expedição contra os turcos. Fez-se exemplo de riqueza que não traz felicidade ao portador.

33 Os Salmos de Davi. Conforme os comentadores mais recentes, Villon refere-se ao salmo CII, 16. (cf. J. Rychner & A. Henry).

34 Indireta com os dominicanos, ou jacobinos (porque seu convento era em Saint-Jacques), chamados de "irmãos pregadores", que eram dominicanos e mestres em teologia.

35 Uma teoria bíblica antiga, e que se encontra entre os filósofos da patrística, especula sobre os "filhos de anjos", nascido de anjos e mortais, e conservando dos primeiros, além da imortalidade, maior saber que o dos teólogos. Não sendo "filho de anjo", Villon não sabe qual o destino

de Jacques Coeur. O diadema angélico levado pelos "filhos de anjo" era um símbolo, de estrela ou qualquer outro astro sidéreo.

36 Refere-se à moda de coleres femininos abertos na frente.

37 Refere-se à moda de cabelos ataviados para as damas e de turbantes para as mulheres da burguesia.

38 Páris, filho de Prâmo, que raptou Helena, esposa de Menelau, segundo a legenda da guerra de Tróia. São aqui tomados como emblemas da beleza e da juventude.

39 Há referência a uma cortesã romana Flora nas *Sátiras*, II-9, de Juvenal, e também em Lactâncio, em *Divinarum institutionum*, libri VII, I-20. O nome foi tido como símbolo do mundo galante na Idade Média.

40 Trata-se, na verdade, de Alcebiades, amigo de Sócrates, que foi tomado por nome de mulher na Idade Média, através de um erro de interpretação dos comentaristas de Boécio, que persistiu até o séc. XV. Provavelmente Villon retirou a citação do *Roman de la rose*. Tal seria uma cortesã grega do séc. IV a.C. Villon lhe atribui um parentesco fantástico com a outra cortesã, Flora.

41 Villon segue, provavelmente, a versão do mito contada por Ovídio nas *Metamorfoses* e seguida no *Roman de la rose*. Nessa versão, a ninfa Eco favorece os amores de Zeus com outras ninfas. Hera, esposa de Zeus, castiga-a, condenando-a a repetir a última sílaba das palavras.

42 Villon teria conhecido a tradução das cartas de Abelardo e Heloisa por Jean de Meung. Acusado de sedução da sua aluna, Abelardo teve a castração por castigo, e refugiou-se depois na abadia de Saint-Denis. Heloisa fez-se também religiosa.

43 Segundo uma lenda, que se provou inteiramente falsa, o filósofo nominalista Jean Buridan (que morreu após 1358) teria sido seduzido pela rainha de Navarra, e ela teria ordenado que o atirassem ao Sena dentro de um saco. Buridan teria escapado, sendo salvo pelos discípulos.

44 Supõe-se que seja a rainha Blanche de Castille, mãe de Luis IX (São Luis) e amada pelo poeta Thibault de Champagne, que lhe teria dedicado canções por ela cantadas.

45 Berte au Grant Pié, mulher de Pepino, o Breve, e mãe de Carlos Magno. Berte au Grant Pié, Bietrix e Alix encontram-se na canção de gesta *Hervé de Metz*.

46 Arembourg, filha do conde de Maine e esposa de Foulques d'Anjou, com a morte do pai conseguiu unir os dois condados, sendo por isso heróina do Maine. Encontra-se como Haremburgis na *Gesta pontificum Cenomannensium*, possível fonte de Villon, segundo Longnon.

47 Joana d'Arc, nascida, na verdade, em Domrémy, nos limites da Champagne com a Lorraine, era, na época, tida como de Lorraine.

48 Calisto III, do ramo dos Borgia, morreu em 1458 e foi papa durante pouco mais de três anos, entre 1455 e 1458.

49 Afonso V, como rei de Aragão, e Afonso I, como rei de Nápoles e da Sicília. Morreu em Nápoles em 1458.

50 Carlos I, de Bourbon, falecido em 1456, foi pai de João II, o duque de Bourbon a quem Villon dirigiu a sua petição após sair de Meung.

51 Artur III, duque da Bretanha, falecido em 1458, que teve um papel de destaque na guerra contra os ingleses.

- 52 Carlos VII, rei da França, falecido em 1461. Contestava-se historicamente o epíteto "o bom", não tendo sido Carlos VII nem bravo nem bom. Foi vitorioso perante os ingleses só graças a Joana d'Arc, a quem, diz-se, nada fez para salvar. O epíteto seria assim a força da tradição, apenas.
- 53 Jaime II, rei da Escócia, falecido em 1460, o qual, segundo Jacques Du Clerc nas suas *Memoíras*, tinha a metade do rosto vermelho como sangue desde o nascimento (cf. Thuasne).
- 54 João III de Lusignan, rei de Chipre, falecido em 1458.
- 55 Segundo alguns, Henrique II, que por seus êxitos contra os mouros, justificava o epíteto "le bon" ("o bravo"); segundo outros, João II, rei de Castela e León, falecido em 1454.
- 56 Ladislau V, o Póstumo, rei da Hungria e da Boémia, falecido em 1457, aos 18 anos. A morte teve grande repercussão na França, pois preparava-se o seu pedido de casamento com a filha de Carlos VII.
- 57 No or., "son tasyon" (seu avô), cuja evocação é feita, parece, por simples exigência de rima.
- 58 Clauquin: Bertrand du Guesclin, morto em 1380. Conde-tável de França, morreu no cerco de Chateaufort de Randon, combatendo os ingleses.
- 59 Segundo alguns, Beroldo II, conde de Clermont e delphin de Alvéria, que morreu em 1401. Segundo outros, Beroldo III, filho do precedente, que morreu em 1426.
- 60 João I, duque de Alençon, falecido em 1415 na batalha de Azincourt contra os ingleses. Julga-se que esta é a hipótese mais provável.
- 61 Villon evoca cenas de exorcismos que terá lido, nas quais o

- papa faz uso da estrofa para "puxar" o demônio pelo peçoço.
- 62 No or., "Aussi bien meurt que cilz servans". Trata-se dos irmãos leigos que se dedicam a trabalhar como serventes na Igreja, por não terem estudo nem acesso a ordens sagradas.
- 63 O Imperador, símbolo do poder oriental, era representado comumente com um globo de ouro (o "poing dorez" do or.), *i.e.*, a esfera do mundo.
- 64 Refere-se, provavelmente, a Luís IX, rei de França, dito São Luís, fundador de numerosos mosteiros e conventos.
- 65 São diversas as atribuições históricas dadas ao personagem, inclusive uma muito duvidosa a Luís XI. Importa mais o valor simbólico do título, pois o delphinato era dado aos filhos de reis.
- 66 Dijon, Salins e Dolles, senhorias do ducado de Borgonha. Os direitos de herança do poder eram dados aos primogênitos.
- 67 No or., "Ont ils bien bouté soubz le nez?", expressão popular significando "comeram bem e beberam bem?"
- 68 No or., "Autant en emporte ly vens", é também um adágio popular, de algum uso literário anterior, mas revigorado pelo poeta no contexto lingüístico em que o coloca.
- 69 No or., "Moy povre mercerot de Renes", *mercerot* significando um pequeno comerciante, ambulante ou bufão-nheiro. A expressão tem valor proverbial: "A petit mercier, petit pennier" (*panier*, cesto, canastra). Italo Siciliano e outros entenderam no sentido geral de "eu, um pobre diabo" etc. Outros (Rychner & Henry) levantaram hipóteses mais complicadas, tendo por base o equívoco entre Rennes e *regnes*, de pronúncia igual.